

CONSTRUINDO DIÁLOGOS EM MÍDIA-EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE ESTUDOS DO OBSERVATÓRIO DA MÍDIA ESPORTIVA/UFSC*

BUILDING DIALOGUES BETWEEN MEDIA EDUCATION AND PHYSICAL
EDUCATION: SOME REFLECTIONS FROM STUDIES OF THE SPORTS MEDIA
OBSERVATORY/UFSC

Daniel Minuzzi de Souza¹
Angélica Caetano da Silva²
Giovani De Lorenzi Pires³

RESUMO

Considerando o desenvolvimento tecnológico dos discursos midiáticos, em nosso caso, o discurso midiático-esportivo, faz-se necessário que estejamos preparados para melhor compreender e interagir com essas narrativas. Dessa forma, a mídia-educação constitui-se numa possibilidade conceitual e metodológica para a formação do sujeito-receptor crítico, reflexivo e produtor de conhecimento na escola. Este trabalho apresenta aproximações entre educação e comunicação e, por conseguinte, da mídia-educação na Educação Física escolar, acabando por destacar pesquisas do grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva (UFSC) que abordaram essa temática.

Palavras-chave: Mídia. Mídia-educação. Educação Física.

ABSTRACT

Considering the technological development of media speeches, in our case, the sporting media speech, it is necessary that we make ourselves prepared to better understand and interact with these narratives. Thus, media education constitutes a conceptual and methodological possibility for the formation of the critical subject-receptor, reflective and producer of knowledge in school. This paper presents approaches between education and communication and, therefore, the media-education in Physical Education, ending with the studies of the Sport Media Observatory (UFSC), which addresses this thematic.

Keywords: Media. Media Education. Physical Education.

*Uma versão preliminar deste texto foi apresentada como comunicação oral em evento do Sindicato dos Professores do Estado de Santa Catarina, realizado em Itajaí no ano de 2008.

¹Mestrando em Educação Física no PPGEF/UFSC. Professor da UNIVALI/Itajaí. Integrante do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. E-mail: danielxibaba@gmail.com.

²Mestranda em Educação Física no PPGEF/UFSC. Integrante do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. E-mail: angelicarural@gmail.com.

³ Professor do DEF/CDS/UFSC e do PPGEF/UFSC. Coordenador do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. E-mail: giovanipires@cds.ufsc.br.

INTRODUÇÃO

John B. Thompson, na obra intitulada “*A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da Mídia*” (THOMPSON, 2002), alerta-nos quanto à grande influência da mídia em nossas vidas, em especial no que diz respeito às formas de interação social, sendo necessário entender a mídia assim como saber como acontecem relações mediadas, sendo esse um fenômeno da modernidade.

Segundo o autor, durante a maior parte da história humana, a grande maioria das interações sociais se deu em situações face a face. Ou seja, nos períodos da tradição oral, as narrativas populares e as histórias eram contadas cara a cara, portanto, como aponta Thompson (2002, p. 77), “[...] eram abertas em termos de conteúdo, uma vez que o processo de renovação permitia uma série de atos criativos”. Para ele, as tradições eram também restritas em termo de alcance geográfico.

Dados esses dois parâmetros, já é possível percebermos que algumas alterações significativas nos padrões das relações sociais ocorreram em decorrência do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Atualmente, aponta Thompson (2002) que é possível identificar três tipos de interação: as “interações face a face”; as “interações mediadas” e as “quase-interações mediadas”. *Face a face*, como já vimos, são as interações em que os participantes estão imediatamente presentes, podendo ver até mesmo as expressões faciais do outro, numa relação de co-presença (tempo e espaço). As relações *mediadas* podem ser entendidas como relações dialógicas que utilizam um meio técnico, como cartas, telefonemas, não exigindo a presença dos interlocutores num mesmo espaço. E, finalmente, as *quase-interações mediadas* deixam de ser uma relação dialógica para ser uma relação monológica, sem exigir um mesmo contexto. São aquelas relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa, em que um emissor dispõe de um meio ou canal (livros, jornais, rádio, televisão etc.) para divulgar uma mensagem para um conjunto impreciso e disperso de receptores (THOMPSON, 2002).

Dessa forma, fica claro que a maneira como nos relacionamos vem sofrendo alterações, o que gera certo “esfriamento” nas relações, como resultante do advento e do desenvolvimento, em ritmo alucinante, das tecnologias na sociedade moderna. Na contemporaneidade, fica cada vez mais marcante a presença das tecnologias de informação e comunicação (TICs) em nossa vida, como rádio, televisão, jornal, telefonia móvel, Internet, vídeo games. Vivemos num momento em que, mais do que nunca, somos tão dependentes dessas tecnologias que seria praticamente “impossível” vivermos sem elas. A onipresença

desse conjunto de mídias em nosso cotidiano, inundando-o de informações, imagens, sons, faz com que nossos órgãos sensoriais estejam intensamente estimulados de forma quase permanente. A convergência digital, que coloca num único aparelho receptor conteúdos de diferentes fontes e suportes, produz certa indiferenciação entre as mídias, que não são mais complementares entre si, mas sim hibridizadas.

Por conseguinte, os processos mentais de atenção e compreensão dos receptores vão se alargando, provocando o surgimento de esquemas cognitivos multirreferenciais e multitarefas. Mas, em vista do fato de que os discursos midiáticos, por princípio, são incompletos, descontextualizados e fragmentados, a compreensão crítica decorrente dessa tempestade de informações-estímulos acaba ficando prejudicada, parcial. O todo é tomado e reconhecido através de partes desconexas, as lacunas das narrativas midiáticas são preenchidas, a fim de que adquiram sentido para o receptor. O rigor na leitura crítica declina e, com ele, a capacidade de avaliar, escolher. O “tudo igual” da indústria cultural denunciado por Adorno e Horkheimer (1985) se amplia e se consolida.

Dessa forma, evidenciamos o quanto é preciso a promoção de uma educação que dê conta de garantirmos o acesso e a apropriação das potencialidades das TICs, ao mesmo tempo em que seja investido na formação de receptor-sujeito, que exerça sua capacidade de reflexão crítica e seletiva diante do discurso midiático. Estamos, pois, falando de uma educação com e para as mídias, conforme preconiza Ferrés (1994). Assim, anunciamos as possibilidades conceituais e metodológicas da Mídia-Educação, conceito-síntese que desenvolveremos a seguir.

MÍDIA-EDUCAÇÃO: TRAJETÓRIA E CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO

“Sabemos que os meios estão na escola, não apenas na forma de recursos auxiliares, mas sobretudo na cultura dos alunos que deles se servem”.

A assertiva de Tânia Porto (1998, p. 28), tomada aqui como epígrafe, mostra-nos que as mídias já adentraram a educação e sua presença no interior da escola independe das opções didáticas que o professor faz. A realidade dos alunos é definitivamente marcada pela experiência comunicacional que chega com eles à escola. Alternativas pedagógicas que tomam as mídias e suas linguagens como ferramentas ou conteúdos complementares ao saber

sistematizado podem ser válidas, porque aproximam os alunos da cultura midiática com a qual já estão acostumados a operar.

Todavia, o apenas introduzir os meios e reproduzir seus discursos na sala de aula pode ser tão prejudicial quanto a sua pretensa ausência, uma vez que, sem um trato pedagógico crítico dos meios, há o risco de os alunos verem reforçadas suas compreensões simplistas e ingênuas sobre os discursos da mídia.

Dessa forma, no Brasil, ainda nos anos 70, movimentos sociais e pedagógicos de natureza crítica começaram a defender e promover iniciativas de alfabetização para a leitura crítica da mídia e de formação do receptor consciente como responsabilidades da escola. O advento e a popularização da televisão só fizeram aumentar a preocupação com a qualidade dos significados atribuídos pelos agora receptores/telespectadores.

Num primeiro momento, a inserção da mídia na escola deu-se através de duas estratégias, ambas importantes, mas nem sempre associadas: I) o uso dos meios, como a TV e o vídeo cassete, na condição de ferramentas auxiliares do processo ensino-aprendizagem; II) a abordagem e a interpretação crítica do discurso da mídia, tomado aqui como objeto de estudo. À primeira, faltava a necessária reflexão sobre os valores e interesses subliminares ou não ao conteúdo do que era veiculado; a segunda alternativa tendencialmente transformava-se num discurso sobre a mídia, sem garantir a apropriação crítica e a autonomia de agir aos estudantes.

Veio do campo da Comunicação a primeira proposição de promover uma síntese superadora, na forma de produção de mídia na escola, ao aliar o acesso aos recursos técnicos à capacidade de leitura crítica. A perspectiva de educomunicação proposta pelo Prof. Ismar Soares, da ECA/USP, transformava professores (e alunos) da escola em educomunicadores, dotados de habilidades comunicacionais que tornariam mais efetivo o processo ensino-aprendizagem.

No campo educacional, a interação entre as propostas de mídia como ferramenta e mídia como objeto de estudo constituíram uma pedagogia da comunicação (PENTEADO, 1998), orientada para a promoção da educação com e para a mídia na escola. A dicotomia na denominação, todavia, persistia e só veio a ser finalmente superada pela sugestão do conceito de mídia-educação (BELLONI, 2000; FANTIN, 2006).

Sua constituição, segundo Fantin (2006), inicia-se pelas diferenças morfológicas e sintáticas do latim e do inglês durante a tradução do termo, em inglês, “Media education”, uma vez que o inglês é sintético e o latim, não.

Diferentemente dos demais, o termo mídia-educação, que conserva as duas “palavras-campo” no próprio conceito, não é uma mera justaposição de palavras, pois, nessa relação, elas mantêm a autonomia e a complexidade constitutiva do termo, revelando que a relação acontece na interface dos dois campos em igualdade de espaços e sem hierarquizar um termo sobre o outro. Ademais, Belloni (2001) argumenta que a diferença entre comunicação educacional e mídia-educação é que o último diz respeito à dimensão “objeto de estudo”, enquanto comunicação educacional se refere à dimensão “ferramenta pedagógica”.

Fantin (2006) contrapõe esse pensamento, ao afirmar que:

Quando Belloni distingue a dimensão de objeto de estudo para referir-se à mídia-educação e usa o termo comunicação educacional para referir-se à dimensão ferramenta pedagógica que também pode ser entendida como disciplina, ela separa com termos diferentes algo que a meu ver caberia no mesmo termo, visto que não seria tão separável assim, apesar de possuir dimensões diferenciadas (p. 32).

O que Fantin busca, baseada nos estudos do pesquisador italiano Pier Rivoltella, é a superação de qualquer dicotomia entre o campo da ferramenta e o do objeto de estudo, sintetizando ambos no termo mídia-educação. A mídia-educação visa a desmascarar a falsa naturalização das mídias, revelando seu caráter de construção; ela é principalmente investigativa; é um processo de longo prazo e não visa somente à compreensão crítica, mas também à sua autonomia crítica.

Ao chegarmos ao conceito mídia-educação, entendemos a educação com e para os meios, superando as perspectivas unilaterais.

Considerar as diversas dimensões da mídia-educação numa perspectiva integrada pode apontar na superação das contradições entre uma concepção mais instrumental (educar com as mídias) e outra mais conteudística (educar sobre as mídias), que, promovendo um uso crítico sobre as mensagens, favorece habilidades próprias de um indivíduo autônomo. Não se trata de evitar o uso das mídias como instrumento, mas assumir uma perspectiva integrada capaz de pensar as mídias como recurso global para a educação, seja porque são interpretáveis e criticáveis, seja porque são utilizáveis como linguagens por meio das quais se articulam as próprias visões do mundo (FANTIN, 2006, p. 52).

Nesse sentido, a mídia-educação possui três perspectivas ou dimensões: a instrumental, a crítica e a produtiva. De forma mais detalhada, Fantin menciona que mídia-educação se manifesta em três contextos: metodológico, crítico e produtivo. O contexto metodológico refere-se à educação com os meios e configura-se a partir de uma visão instrumentalista das mídias no âmbito da metodologia didática. A mídia-educação, nessa

perspectiva, é considerada um recurso para a educação reinventar a didática, ensinando com outros meios, visando a superar o esquema tradicional e substituir o suporte do livro-texto através do uso de cinema, vídeos, programas televisivos, dentre outros. O contexto crítico refere-se ao enfoque da mídia-educação no sentido de fazer educação sobre os meios ou educação para as mídias; significa a capacidade de compreender os sentidos das mensagens destinadas a influenciar no modo de agir e pensar. Por fim, o contexto produtivo refere-se ao fazer educação através dos meios ou dentro das mídias; significa utilizar as mídias como linguagens, como forma de expressão ou produção. “*Não se faz mídia-educação só com a leitura crítica e uso instrumental das mídias, sendo necessário aprender a escrever com as linguagens da mídia*” (FANTIN, 2002, p. 86).

Sendo assim, a formação escolar em mídia-educação, além de visar a um sujeito crítico, reflexivo, que saiba compreender como se dão os processos da mídia, também deve ser capaz de formar cidadãos produtores de mídia, ainda mais se consideramos as possibilidades das TICs, em especial a Internet (blogs, youtube, orkut, MSN, twitter).

Em síntese, o que se propõe a partir desse conceito é o uso da mídia como uma possibilidade de diálogo crítico e criativo com a cultura, entendendo-a como forma de expressão e produção cultural, como objeto de análise e reflexão sobre seus produtos, mensagens e discursos e como agente de socialização e de promoção da cidadania. É uma proposta que corrobora com o que Pretto (2001) denomina de uso das tecnologias com *fundamento*, ou seja, o uso instrumental das tecnologias e mídias, incorporando sua dimensão crítico-criativa.

MÍDIA-EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Para Pires (2002), a mídia, cada vez mais, ganha importância e espaço na "construção dos saberes/fazeres da cultura de movimento e esportiva" (p. 19), intervindo, por conseguinte, no campo da Educação Física escolar e tendo o esporte como seu mais forte aliado. Em vista disso, os estudos sobre a mídia na Educação Física, apesar de recentes, já configuram um importante campo de investigação da área, sendo possível identificar muitas contribuições para o desenvolvimento da Educação Física.

Como pioneiro desse campo de estudo na Educação Física, ainda durante a década de 90, merece registro o coletivo acadêmico conhecido como “Grupo de Santa Maria” (ver PIRES *et al.*, 2008), articulados em torno do Laboratório de Comunicação, Movimento e

Mídia da Educação Física (LCMMEF) do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM. O Laboratório foi fundado em 1991, sendo coordenado pelo professor Sérgio Carvalho e, posteriormente, pela professora Marli Hatje. Esse grupo foi também pioneiro na criação de um periódico nessa área, a Revista do Laboratório de Comunicação, Movimento e Mídia. E foi ainda responsável pela criação do Núcleo de Pesquisa Comunicação e Esporte⁴ no INTERCOM⁵ em 1996.

No âmbito do campo da Educação Física, a sua principal sociedade científica, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), também criou um espaço próprio, desde 1997, para o tema entre os seus Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs) do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE): o GTT Educação Física, Comunicação e Mídia.

Os GTTs, segundo Azevedo *et al.* (2008), surgem a partir da reformulação da organização científica do CBCE para o CONBRACE de 1997, realizado em Goiânia/GO. Tinham a intenção de fomentar a pesquisa nas diversas áreas da Educação Física, promovendo também abordagens interdisciplinares nessa entidade científica. Com o surgimento do GTT Educação Física, Comunicação e Mídia, cresceram, significativamente, a quantidade e a qualidade das pesquisas nesse campo do conhecimento, tornando-se este um espaço permanente de socialização de aprofundamento das discussões dos estudos sobre mídia na Educação Física.⁶

Criadas essas duas instâncias acadêmicas, as relações entre Educação Física, esporte e mídia passaram a ser aprofundadas, gerando e veiculando um número crescente de pesquisas, as quais passaram pela etapa de *compreender a mídia na Educação Física escolar* e hoje avançam objetivando *tratar pedagogicamente da mídia na Educação Física escolar*.

Nessa perspectiva, diversos autores e grupos de pesquisadores vêm se consolidando em diferentes regiões e instituições do país. Um desses grupos é o “Observatório da Mídia Esportiva/UFSC, ao qual passamos a nos referir como uma ilustração do que vem sendo pesquisado sobre Educação Física e mídia.

⁴ Em 2006, este núcleo foi dissolvido e a temática da Comunicação Esportiva absorvida pelo NP de Comunicação Científica. No Congresso da INTERCOM de 2009, em Curitiba, o Núcleo voltará a existir de forma independente.

⁵ Refere-se à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

⁶ Para mais informações, consultar o trabalho de Victor Azevedo *et al.* (2008), “*Análise de Produção em Educação Física, Esporte e Mídia veiculadas nos congressos do CBCE e da INTERCOM*”, publicado nos anais do IV CBCESUL, realizado em setembro de 2008, em Faxinal do Céu, distrito de Pinhão-PR.

PESQUISAS DO OBSERVATÓRIO DA MÍDIA ESPORTIVA/UFSC: POSSIBILIDADES PARA/NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Tendo em vista a necessidade e os limites da Educação Física em compreender e tratar os discursos midiáticos, em especial, os discursos sobre a cultura esportiva, no ano de 2003, foi criado o Grupo de Estudos do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. Vinculado ao Núcleo de Estudos Pedagógicos de Educação Física (NEPEF), o Observatório, desde então, faz-se presente na formação em Educação Física da UFSC, atuando na graduação e na pós-graduação, envolvido em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Tem como objetivos:

- refletir sobre os conflitos e contradições que permeiam a Cultura Midiática na sociedade contemporânea;
- estabelecer um diálogo entre teorias do conhecimento, aspectos socioculturais e mídia;
- promover estudos sobre a apropriação da mídia como interlocutora nos processos educacionais;
- estimular o ensino, a pesquisa e a extensão, em perspectiva crítica, nas relações Educação Física e Mídia.

Para atingir esses objetivos, as formas de ação do Observatório consistem, entre outras, em pesquisas individuais e coletivas; produção/discussão de vídeos e filmes; oferta de disciplinas e seminários na graduação, na pós-graduação e na formação continuada de professores; realização de seminários, oficinas, palestras, mesas, encontros; participação em eventos científicos, congressos e seminários da área.

O grupo tem como principais bases teóricas: a) as contribuições da Teoria Social Crítica, da Escola de Frankfurt, principalmente as produções de Adorno e Horkheimer (Indústria Cultural e a Teoria da Semicultura); b) os Estudos Culturais Latino-Americanos de Comunicação, especialmente as obras de seus principais representantes, como Martín Jesus Barbero e Guillermo Orozco; c) no campo da Educação Física, a concepção Crítico-Emancipatória, esboçada inicialmente por Elenor Kunz e desenvolvida no âmbito do NEPEF – Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física/UFSC – grupo em que se insere o Observatório da Mídia Esportiva.

Dentre as pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do Observatório da Mídia Esportiva⁷, podemos destacar alguns trabalhos desenvolvidos na forma de dissertações de mestrado, que se situam no campo da mídia-educação e foram realizados no âmbito da

⁷ Toda a produção do Grupo veiculada desde 2003 está disponível na íntegra no *site* www.nepef.ufsc.br/labomidia.

Educação Física escolar. Nesses estudos, é possível identificar duas principais abordagens metodológicas: a) as pesquisas de observação (COSTA, 2006; MUNARIN, 2007) e de recepção (ANTUNES, 2007; MEZZAROBA, 2008) e b) as pesquisas de mediação/interlocução escolar (OLIVEIRA, 2004; LISBOA, 2007; MENDES, 2008; BIANCHI, 2009).

De forma sintética, é possível caracterizar as pesquisas de observação como aquelas que se preocupam em compreender como a mídia interage na produção de uma narrativa sobre determinada manifestação da cultura corporal ou esportiva, gerando certas representações sobre essas práticas corporais. No mesmo campo observacional, mas com um enfoque mais específico sobre os sujeitos de pesquisa, os estudos de recepção ocupam-se de entender como estes recebem e interpretam os discursos mediatizados na vida cotidiana. Podemos compreender que os estudos de observação e de recepção aproximam-se da perspectiva crítica da mídia-educação.

As pesquisas de mediação/interlocução escolar situam-se na dimensão produtiva da mídia-educação e procuram desenvolver e analisar estratégias didáticas para a formação dos alunos, no sentido de considerá-los sujeitos-receptores, reconhecendo sua capacidade de realizarem uma interação ativa, reflexiva e crítica em relação à espetacularização midiática.

Na continuidade, apresentaremos, sinteticamente, algumas pesquisas que ilustram esses estudos, na tentativa de mostrar possibilidades concretas para o avanço do campo da Educação Física, em especial no que trata dos discursos midiático-esportivos e da possibilidade de formação de alunos *sujeitos-receptores*; ou seja, considerando que esses alunos/consumidores midiáticos não são meros receptores passivos que recebem a informação de forma inoculatória dos meios de comunicação de massa, mas, sim, sujeitos ativos no processo de recepção, que podem estabelecer diálogos com emissores e outros receptores através de múltiplas mediações, que são possibilidades a serem desenvolvidas pela mídia-educação.

a) Os estudos de observação e de recepção em Educação Física e Mídia

No que se refere às pesquisas de observação, o primeiro estudo desenvolvido no Observatório foi a pesquisa de Antonio Galdino da Costa, intitulada “Moda/Indumentária em Culturas Juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio”.

Considerando as questões socioculturais e os diferentes grupos e culturas dos alunos, Costa (2006) teve como objetivo compreender a comunicação nas culturas juvenis por meio de símbolos representados pelas indumentárias.

Para compreender/explicar o papel das indumentárias como forma de comunicação e formação de identidades no espaço escolar, Costa (2006) precisou pensar o corpo como um das formas primárias de comunicação com o mundo, ou seja, este sendo a “mídia primária”, como diz Baitello Júnior (2000 apud COSTA, 2006), ou ainda, como aponta Trebles (2003), o *corpo relacional*.

Sobre o papel das indumentárias, o autor também utiliza o conceito de “mídia secundária” de Baitello Júnior, que pode ser compreendido também por Lurie (1987, apud COSTA, 2006): “as roupas e adereços são formas da sociedade se comunicar e assim ter um diferencial para poder construir os grupos e manter a ideologia”.

Tais conceitos fundamentaram a busca para responder às questões de investigação seguintes.

- Como moda/indumentária podem ser percebidas como símbolos de comunicação na escola?
- É possível reconhecer tais símbolos como facilitadores para a formação de novos grupos de alunos recém-chegados à escola?
- Como esses símbolos são percebidos e significados pelos jovens-alunos?
- O espaço escolar pode contribuir para a formação das identidades corporais provisórias, através da moda/indumentária?

A pesquisa foi desenvolvida no Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina, Unidade São José, com alunos da primeira fase do ensino médio. O estudo pode ser caracterizado como uma observação participante, disposto a descrever e interpretar aspectos da comunicação simbólica, expressos na moda/indumentária e nos adereços, e sua implicação na constituição de grupos de um específico recorte do cotidiano cultural juvenil (na escola), a partir de aspectos da hermenêutica de profundidade, proposta por Thompson (1995).

Os participantes da pesquisa foram divididos em grupos focais, para facilitar o aprofundamento das discussões e das reflexões. A coleta dos dados deu-se a partir das anotações do diário de campo, dos registros fotográficos e dos depoimentos dos grupos focais.

Convém destacar que o estudo aponta a ideia de juvenilização da sociedade como um fator inerente ao aumento do consumo, em que uma sociedade “juvenil” passa a ser, conforme Costa (2006), produto da própria cultura de consumo.

Nesse contexto, é relevante dizer que a pesquisa aponta que a escola é um importante espaço para a construção das identidades juvenis e, portanto, da socialização, em especial nos tempos e nos espaços que estão além da sala de aula e da quadra de esportes. Assim, é possível dizer que os jovens gostam da escola, principalmente, para a aproximação aos pares,

porém a escola ainda não está preparada e não dá a devida atenção para o assunto. De acordo com Dayrell (2003, apud COSTA 2006): “a estrutura escolar e os *projetos* político-pedagógicos ainda dominantes nas escolas não respondem aos desafios que estão postos para a educação da juventude contemporânea”.

Cabe às escolas estar mais atentas ao fato e perceberem a possibilidade de os alunos contribuírem nas normas de convívio desse espaço.

Outra pesquisa de natureza observacional na escola, desenvolvida no Observatório, foi o estudo “*Brincando na Escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças*”, de Munarim (2007).

Tendo em vista o papel de destaque da televisão na cultura contemporânea e a influência desse meio na formação da cultura infantil das crianças urbanas, principalmente pelas limitadas possibilidades de espaço físico para o “se-movimentar” (KUNZ, 2004) nas cidades, o trabalho de Iracema Munarim objetivou refletir sobre a presença do imaginário midiático na cultura de movimento das crianças em vivências lúdicas no ambiente escolar, buscando compreender a influência da mídia, especialmente a televisão, no universo lúdico das crianças. O ponto de partida desse estudo é mais bem explicitado em duas questões elaboradas por Munarim (2007).

a) Se enquanto se movimentam as crianças dialogam com o mundo em que vivem, fazendo descobertas e incorporando aspectos de sua vida, como se constitui a relação entre o “se-movimentar” das crianças enquanto brincam e os programas a que elas assistem na televisão?

b) A presença de personagens e roteiros de histórias encontradas na mídia, apropriados e ressignificados nas brincadeiras, são fatores limitantes às descobertas das crianças em suas possibilidades de movimento ou, pelo contrário, estimulam a criação de novos gestos e interpretações por parte delas?

Para responder a tais questões, foi desenvolvido o estudo em duas escolas de Educação Infantil, uma da rede municipal de Florianópolis e uma escola particular que segue a pedagogia Waldorf, a qual tem como uma de suas características, segundo Munarim (2007), desestimular a aproximação das crianças com as novas tecnologias. Segundo a autora, não se trata de um estudo comparativo entre as escolas, mas sim uma forma de observar crianças de diferentes classes sociais e em diferentes contextos culturais, principalmente pela hipótese das crianças que estudam em uma escola que desestimula o contato com as TICs e que talvez teriam uma mediação mais crítica dos pais sobre os programas a que elas assistem.

Para fazer a reflexão sobre a relação entre a mídias e as crianças, o desenvolvimento da pesquisa de Munarim (2007) embasou-se nos conceitos do “se-movimentar” (TREBLES E KUNZ), no conceito de mediações culturais do mexicano Guillermo Orozco Gomes (1996)⁸, em especial a mediação institucional da escola, bem como em outros autores que tratam da relação mídia e infância, como Buckingham (2000), Brougère (2004) e Giraldeello (1998) – ver referências no estudo citado.

Entre os programas de televisão assistidos pelas crianças das duas escolas, destaque para *As três espiãs demais* e os *Power Rangers* - especialmente entre os meninos. Foi possível identificar que esses programas serviam como aproximação das crianças no momento de suas brincadeiras, que se desdobram em diferentes possibilidades do se movimentar, principalmente quando constatamos que as crianças estão utilizando algum objeto como tênis, mochilas, pulseiras, camisetas, que remetem a personagens de desenhos, situações em que a possibilidade de ser o herói fica mais evidente.

É relevante evidenciar que o desenvolvimento dessas brincadeiras, da própria cultura lúdica e do *se movimentar* acontece nas escolas por estas ainda proporcionarem momentos de brincadeiras livres no pátio, onde as crianças têm a possibilidade de desenvolver e criar suas narrativas a partir da relação com o ambiente, o espaço e as mediações com os demais colegas. E, por fim, o estudo reitera a importância de as crianças receberem a mediação e da escola sobre os conteúdos por elas consumidos da programação televisiva, bem como a necessidade de a qualidade dos programas e brinquedos veiculados pela mídia, conforme Munarim (2007), “ser discutidas num quadro mais amplo, o dos Direitos da Criança (1989) que afirmam as necessidades de *proteção, participação e provisão*”.

Nos estudos observacionais de recepção desenvolvidos no âmbito do Observatório, destaque para o trabalho de Antunes (2007), que teve por objetivo “conhecer e analisar a recepção de jovens escolares ao discurso midiático-esportivo durante a Copa do Mundo de 2006”. A pesquisa foi desenvolvida no Colégio da Aplicação/UFSC, com alunos do 2º ano do ensino médio, objetivando principalmente “perceber como eles consumiram o esporte durante a realização do evento; quem ou quais são suas principais mediações e possíveis repercussões dessas no tratamento dado, pelos alunos, ao discurso midiático-esportivo consumido” (ANTUNES, 2007).

A base teórica conceitual do estudo se dá pela articulação da Teoria Social Crítica, em especial o conceito de Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer (1985), e a corrente

⁸ Televisión y Audiencias: un enfoque cualitativo. Proyecto Didáctico Quirón, n° 45. Ediciones de La Torre; Universidad Iberoamericana. Madrid, 1996.

latino-americana de Estudos de Recepção, especialmente com a teoria das Múltiplas Mediações.

Antunes (2007) entende que os alunos estabelecem uma relação de encantamento com as tecnologias que divulgam e constroem os discursos:

[...] a dimensão simbólica, produzida em meio à riqueza de detalhes de imagem, som e efeitos especiais, faz com que o discurso imagético tenha a possibilidade de criar (novos) simulacros da vida humana, fortalecendo o encantamento com a tecnologia. Há uma inversão de sensações e de papéis provocadas pela televisão que faz dela a experiência primeira e o ‘ao vivo’ o simulacro. E o encantamento provocado nos sujeitos, por meio dessa ‘nova experiência’ nos serve como uma espécie de confirmação da adesão deles à lógica do mercado (ANTUNES, 2007, p. 85).

O trecho transcrito evidencia o papel do discurso midiático na formação da cultura esportiva e, ao mesmo tempo, a necessidade de mediações mais críticas dos conteúdos consumidos. O estudo ressaltou que os principais mediadores simbólicos desses discursos são a família e a escola, mas quem tem maior influência sobre a formação da opinião desses alunos são as informações veiculadas pela televisão e pela Internet, o que acaba levando esses consumidores a compreenderem que “a dependência do esporte em relação à mídia é satisfatória e benéfica ao próprio esporte” (ANTUNES, 2007). Satisfaz e beneficia na medida em que divulga os esportes, de forma massiva, na sociedade e incentiva o consumo de materiais esportivos. Para Antunes, tal fato evidencia o quanto os sujeitos pesquisados já estão integrados à lógica mercadológica a partir da lógica do telespetáculo. Nesse contexto, destaca-se o papel dos ídolos para a sustentação e a manutenção dessa ordem.

Entre os aspectos observados, a autora relata que os sujeitos pesquisados perceberam algumas formas de agendamentos múltiplos para o consumo do evento através da “[...] maior inserção de publicidades e informações sobre o evento e seus ídolos esportivos” (ANTUNES, 2007). Porém ela aponta que a percepção dos alunos é um pouco confusa no que diz respeito aos interesses econômicos nas esferas do esporte e da publicidade, em que os alunos entendem que a publicidade só gera “efeitos” sobre as classes populares, “[...] enquanto eles [...] julgam-se imunes aos apelos publicitários” (ANTUNES, 2007).

Para que os alunos percebessem a necessidade de terem olhares mais atentos ao discurso publicitário, foi desenvolvido um trabalho de leitura e discussão de texto que tratava de análise de campanhas publicitárias. Sobre essas propostas, Antunes (2007) relata que alguns alunos não concordaram com a análise do autor do texto, mas que não conseguiram encontrar outras formas para explicar o processo; isso a levou a constatar que não se pode

pensar que o discurso publicitário só atinja as classes populares e que existem diversas estratégias para o convencimento da necessidade de consumo.

As conclusões do estudo ressaltam a necessidade de os sujeitos receberem outras formas de mediação dos discursos midiáticos, do esportivo em especial. Formas que não se resumam à mediação tecnológica, contribuindo dessa forma para “[...] leituras mais críticas sobre tudo que lhes é oferecido por meio do consumo de discursos e narrativas midiáticas” (ANTUNES, 2007).

Outro integrante do Observatório, Cristiano Mezzaroba (2008), também desenvolveu um estudo de recepção, que, do ponto de vista temporal, se poderia denominar de recepção ao agendamento esportivo. Ele foi a campo em duas escolas de Florianópolis, uma particular e uma municipal, sendo esta depois abandonada, em função de greve na rede municipal, o que inviabilizou a continuidade do estudo nessa escola.

Fundamentado no conceito da *Dialética das Múltiplas Mediações* de Orozco (1993), em que a mediação da instituição escola pode estabelecer um diferencial na qualidade da compreensão do discurso midiático (MEZZAROBA 2008), e no conceito de *agendamento ao discurso midiático*, Mezzaroba teve como problema de pesquisa a seguinte questão: como os jovens percebem, compreendem e analisam o agendamento⁹ midiático dos Jogos Pan-americanos Rio/2007 e as possíveis repercussões na Educação Física escolar?

Para isso, Mezzaroba (2008) fundamentou seus estudos na Corrente Latino-americana da sociologia da Comunicação e também na Técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (s/d).

Os primeiros dados analisados apontaram que 93,7% dos alunos da escola particular e 83,8% da escola pública sabiam da realização do Pan no Rio já em abril de 2007, o que pode mostrar o sucesso do agendamento do evento, em que os sujeitos destacam o papel da televisão e da Internet nesse processo.

Também foram criadas algumas categorias a partir das discussões com os sujeitos pesquisados. Categorias que evidenciaram e facilitaram a compreensão das estratégias de agendamento do evento. Destaca-se a categoria *Tocha Pan-americana* – que diz respeito à passagem da tocha por várias cidades do país, para “criar uma identificação do público nacional com o evento” (MEZZAROBA, 2008), e a categoria *Contagem regressiva*, que,

⁹ O *agendamento* é a tradução do termo *agenda-setting* (uma das Teorias da Comunicação) e trata-se de um processo relacional entre a agenda midiática e a agenda pública, com o que alguns grupos (financeiros, econômicos, políticos e a própria mídia em si) objetivam pautar temas de seu interesse na esfera social, colocando, dessa maneira, sua opinião, com o interesse de torná-la hegemônica. No caso do *agendamento esportivo*, este não é realizado apenas ao pautar determinado evento, trazendo informações prévias dele ou de seus personagens, mas sim ao abordar os mais variados contextos (econômico, político, social, cultural e o esportivo propriamente dito) (MEZZAROBA, 2008).

segundo o autor, seria a própria virada de página da agenda, contando os dias que faltavam até a abertura dos jogos.

Outro aspecto evidenciado nas considerações finais da pesquisa são as repercussões do estudo para o campo da Educação Física. Para Mezzaroba (2008, p. 132):

[...] os resultados apontam para a necessidade cada vez mais iminente de este componente curricular se basear nas questões midiáticas ao realizar suas intervenções, considerando-se que a mediação tecnológica se faz cada vez mais presente e intensa na vida dos jovens e que, no mínimo, precisa ser confrontada com outros saberes, neste caso, o da Educação Física como prática pedagógica.

Por fim, Cristiano Mezzaroba aponta, em seu estudo, que a Educação Física deixou passar em branco, pelo menos nos locais pesquisados, a oportunidade de tematizar criticamente o Pan-americano do Rio 2007 e que essa tem o dever e o desafio de tratar seus alunos como *sujeitos-receptores* sedentos de novas abordagens (MEZZAROBA, 2008).

b) Estudos de mediação/interlocação escolar

As pesquisas de intervenção/interlocação tratam de desenvolver, relatar e analisar estratégias desenvolvidas para que, no âmbito escolar, sejam formados sujeitos-receptores, que se posicionem de maneira crítica/reflexiva, ativa e interativa em relação aos discursos midiáticos e às TICs.

O primeiro trabalho de mediação/interlocação escolar foi também a primeira dissertação defendida no Grupo por Oliveira (2004). Essa pesquisa teve como objetivo “propor e refletir sobre a inserção de meios técnicos na produção de imagens no âmbito da Educação Física escolar, partindo do princípio que seus atores se percebem envolvidos no cenário da cultura mediatizada”.

Um dos conceitos que embasaram a realização do estudo é o de Mídia-Educação (BELLONI, 2001), vendo duas possibilidades para a inserção da mídia na escola: “recurso didático e [...] objeto de estudos; e em seus desdobramentos para a produção de imagens pelas crianças/jovens” (OLIVEIRA, 2004).

Esse estudo pode ser classificado como uma pesquisa-ação e apresenta características da pesquisa como princípio educativo, em que, através de registros das produções (experiências na conversa – entrevista- experiências no olhar – fotografia e vídeo – e experiências no escrever – diário de campo), professor e alunos aprendem com a pesquisa.

As produções registradas condizem com oficinas realizadas com alunos de 7^a e 8^a séries da escola municipal Porto do Rio Tavares, no município de Florianópolis. As oficinas serviram para aproximações com as tecnologias e para a produção de vídeos e fotos.

Numa das experiências com vídeo, uma aluna produziu um filme de quinze minutos, com crianças da 3ª e 4ª séries em diferentes momentos, no dia do brinqueado, na aula de Educação Física e no recreio. Partindo da filmagem, foi possível discutir sobre o processo de edição das imagens e suas possibilidades de manipulação. Foi possível, inclusive, estabelecer diálogos com a autora do filme e suas interpretações e conclusões a partir de sua “experiência no olhar”, assim como avanços tanto no que se refere à compreensão do discurso midiático quanto sobre o cotidiano da Educação Física na escola.

A aproximação da cultura midiática com a cultura escolar e, no caso específico da pesquisa, com a cultura esportiva nas aulas de Educação Física, revela a importância do estudo no que tange à possibilidade e “[...] a construção de um olhar mais crítico e de profundidade em relação ao tema esporte e suas variantes” [...] (OLIVEIRA, 2004).

O segundo estudo de mediação/interlocução escolar do Observatório é de autoria de Lisboa (2007), que buscou compreender como crianças que chegam à escola com a bagagem da “tele-vivência” esportiva compreendem as relações fundantes esporte-mídia e quais representações elas constroem através dessa mediação do esporte pela TV. Dessa forma, tentou compreender se é possível a escola agir como instituição mediadora da cultura midiática através da problematização esporte-mídia nas aulas de Educação Física, tendo como foco principal a intervenção autorreflexiva.

A pesquisa de Lisboa (2007) também é caracterizada como uma pesquisa-ação e orientada, segundo a autora, na perspectiva da mediação escolar (institucional). O estudo desenvolveu-se com uma turma de 2ª série da rede municipal de ensino da Cidade de Florianópolis, sendo dividido em três momentos: *Diagnóstico da cultura midiática dos alunos e sua relação com a escola*; *As concepções de esporte das crianças*; e *Abordando o esporte-da-mídia*. Para o desenvolvimento da proposta de ensino-investigação, a Copa do Mundo de Futebol de 2006 serviu como tema gerador.

Após etapa de coleta de dados (campo), o procedimento adotado para sua análise foi a análise de conteúdo e imagens em quatro eixos temáticos, que são: *Participação Infantil: visibilidade social e encantamento com a técnica*; *Criança e tevê, tudo a ver!*; *Esporte é legal e bom... e as crianças brincam de esportes!*; *A Copa e o esporte-da-mídia: limites e possibilidades da mediação escolar*.

Mariana Lisboa concluiu seu estudo apontando a possibilidade das crianças ressignificarem o esporte-da-mídia durante suas vivências lúdicas. Destacamos também a importância das estratégias pedagógicas da mídia-educação nas suas dimensões crítica e

produtiva no processo de formação cultural (cultura esportiva), em especial em consonância com as formas de agendamento midiático.

Por fim, fica, mais uma vez, registrada a necessidade de a escola aproximar os discursos das culturas (escolar, esportivo, midiático). Conforme Orofino (2005, apud Lisboa, 2007, p. 108),

[...] mesmo subestimando este contexto, a escola já se constitui em um ambiente de mediações situacionais, através dos alunos que interagem no seu interior a partir das culturas midiáticas, precisando, portanto, em muitos casos, assumir ainda sua responsabilidade enquanto mediação institucional, trazendo as conversas dos pátios e corredores para a sala de aula.

A pesquisa “*Luz, Câmera e Pesquisa-Ação: a inserção da Mídia-Educação na formação contínua de professores de Educação Física*”, de Mendes (2008), também se caracteriza como uma pesquisa de mediação/interlocação escolar. A partir de uma parceria entre o LaboMídia/CDS/UFSC e a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis/SC (S. M. E) e com base nos princípios da pesquisa-ação e da formação contínua, “[...] evidenciou-se seu potencial multiplicador” (MENDES, 2008).

Foi proposto e desenvolvido um curso de formação contínua de Educação Física para a mídia-educação, a fim de que os professores se apropriassem dos elementos teórico-práticos necessários para trabalharem com mídia-educação nas escolas. Num segundo momento, foi realizado o acompanhamento dos trabalhos dos professores participantes, segundo Mendes (2008), para averiguar como os conteúdos foram levados ao cotidiano escolar. A pergunta “Quais os saberes produzidos, incorporados e expressos na prática pedagógica dos professores de Educação Física em relação à mídia, a partir de uma experiência inicial de formação contínua?” corresponde ao problema de pesquisa desse estudo.

Segundo Mendes (2008), além de o trabalho possibilitar aos professores o conhecimento sobre as possibilidades da Mídia-educação, serviu de ponto de partida para outras discussões relevantes para o campo Educação Física, no momento em que alguns professores questionaram se realmente essa perspectiva não acabaria se tornando um discurso sobre a prática. Tal fato levou ao debate o papel das perspectivas progressistas da Educação Física, sendo que, na conclusão do estudo, foi possível perceber que ação pedagógica na perspectiva da mídia-educação não inviabiliza as aulas práticas e mais: ficou evidente que os docentes envolvidos na pesquisa entenderam que esta deve ser tratada de forma interdisciplinar na escola.

Por fim, vale destacar a dissertação de Bianchi (2009): “*Formação Continuada em Mídia Educação (Física): Ações Colaborativas na Rede Municipal de Florianópolis/SC*”. Nessa pesquisa, de acordo com a autora, a proposta foi estabelecer uma interlocução de saberes e fazeres da cultura escolar, que proporcionasse um pensar, agir e refletir sobre como um conteúdo da Educação Física escolar pode ser desenvolvido de forma colaborativa na perspectiva das TICs, sob o viés da pesquisa como princípio educativo e da ação reflexiva do professor.

A pesquisa foi desenvolvida com professores da rede municipal de educação de Florianópolis, tendo a participação do Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) e da área de Educação Física do Departamento de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Ensino de Florianópolis.

O trabalho de campo deu-se em dois momentos, sendo o primeiro uma aproximação com a área de estudo, para saber se existia e quais eram as propostas de ensino do componente curricular Educação Física com o uso das TICs nas salas informatizadas das escolas. Foram visitadas dez escolas e entrevistadas as professoras-cordenadoras das salas informatizadas. A quase completa ausência de iniciativas da Educação Física nesses ambientes de aprendizagem convalidou a necessidade de trabalhar na formação dos professores da área. O momento seguinte foi, então, o desenvolvimento de uma proposta de capacitação de professores de Educação Física para estarem aptos ao uso e às possibilidades pedagógicas das TICs.

Tais ações se desdobraram em dados que foram analisados a partir da análise de conteúdo e categorizados em três eixos temáticos, que são: *Formação continuada de professores em Mídia-Educação (Física); Experimentando as TICs na escola e na Educação Física; Professores interlocutores produzindo/socializando conhecimento*.

Esse trabalho tem como uma característica muito interessante a utilização das TICs, na forma da construção de blogs das turmas envolvidas no estudo, para o registro coletivo e a divulgação dos trabalhos desenvolvidos nas aulas por alunos e professores. Os blogs serviram também para o acompanhamento e as discussões da pesquisa sobre a produção de cada turma por parte da pesquisadora.

Podemos destacar, de acordo com Bianchi (2009), que o estudo contribuiu com a qualificação da prática pedagógica dos professores que conheceram/aprenderam novas formas de produzir/mediar conhecimento, pautadas na dialogicidade com os alunos, bem como em atitudes autônomas, críticas e criativas. Bianchi também evidencia, nas conclusões do estudo,

o fato de os professores destacarem o ineditismo da proposta e a vontade de continuarem a trabalhar na perspectiva das TICs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No breve balanço aqui empreendido, tentamos demonstrar um entendimento que se configura já há algum tempo no sentido de que a escola repense suas pedagogias e práticas, buscando estabelecer novas relações mais emancipadas/emancipatórias com a mídia de massa e as tecnologias de informação (TICs).

Se considerarmos a crescente mediatização das interações sociais e as mudanças que ocorrem no âmbito da percepção humana a partir do desenvolvimento de novas linguagens e formas comunicacionais, é inconcebível que não estejamos intervindo, na escola, para a formação de sujeitos-receptores críticos e produtores de ressignificações da informação.

Não podemos viver num mundo onde as transformações tecnológicas, a informação e a comunicação acontecem num ritmo quase esquizofrênico, e não estarmos aptos para agir reflexiva e autonomamente sobre essa lógica. A mídia-educação, na sua amplitude conceitual e nas aberturas metodológicas que faz para a escola, mostra que as possibilidades estão postas. Não se trata, óbvio, de satanizar as tecnologias e a mídia, ainda que estejamos todos tão perpassados por ela nessa sociedade de cultura mundializada que corremos o risco de naturalizá-la e não percebermos o quanto podemos ser influenciados por ela. Agir de acordo com o conceito de mídia-educação não é fazer discursos sobre a mídia, mas reconhecê-la como um dos principais interlocutores na construção da sociedade, condição que chega à escola e, por extensão, à Educação Física escolar. Aliás, o campo da cultura esportiva é um dos mais relacionados à mídia, pelas possibilidades de espetacularização e comercialização que contém, tão ao gosto dos interesses da mídia.

Os estudos desenvolvidos pelo Observatório da Mídia Esportiva e aqui apresentados sinteticamente, como ilustração das possibilidades para pensar a mídia-educação na Educação Física escolar, têm demonstrado para nós que a resposta apresentada pela escola a iniciativas nesse sentido é a melhor possível. Os alunos sentem-se motivados por encontrar, nessas experiências de mediação escolar, uma possibilidade concreta de viver a cultura midiática de forma mais próxima e intensa. Os professores percebem que a motivação dos alunos, aliada ao desenvolvimento da capacidade de observação e leitura crítica da mídia, eleva o processo ensino-aprendizagem a um outro patamar de qualidade. O trabalho com os conhecimentos

tradicionais da Educação Física, que se prestam perfeitamente para o desenvolvimento de estratégias de mídia-educação, também se mostra mais significativo. A maioria das escolas, atualmente, dispõe de diversos recursos tecnológico-midiáticos para a realização de experiências didáticas referentes aos três contextos da mídia-educação: técnico, crítico e produtivo. Por tudo isso, entendemos que, mais do que possível, é necessário pensarmos a mídia-educação na escola. E, para tanto, também se faz relevante que, na formação do professor de Educação Física, da formação acadêmica inicial à capacitação permanente dos professores em atividade, os estudos de mídia-educação se façam presentes, atualizando os processos comunicacionais e aprofundando a crítica sobre os meios e seus discursos, visando à construção da cidadania emancipada.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. **Educação e Sociedade**, ano XVII, n. 56, 1996.

ANTUNES, S. E. **O País do Futebol na Copa do Mundo**: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares. Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2007.

AZEVEDO, V. A. et al. Análise da produção em Educação Física/Esporte e Mídia veiculadas nos Congressos do CBCE e da INTERCOM. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 4, **Anais...** Pinhão/PR: set/2008.

BELLONI, M. L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BIANCHI, P. **Formação continuada em Mídia-educação (física)**: ações colaborativas na rede municipal de Florianópolis/SC. Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2009.

COSTA, A. G. **Moda/Indumentária em Culturas Juvenis**: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2006.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERRÉS, J. **Televisão e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LISBOA, M. M. **Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica de crianças.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MENDES, D. S. **Luz, Câmera, Pesquisa-Ação: a inserção da mídia-educação na formação contínua de professores de educação Física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2008.

MEZZAROBA, C. **Os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2008.

MUNARIM, I. **Brincando na Escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças.** Dissertação (Mestrado em Educação). PPGE/UFSC. Florianópolis: 2007.

OLIVEIRA, M. R. R. **O Primeiro Olhar: experiência com imagem na educação física escolar.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2004.

PENTEADO, H. D. (org.). **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas.** São Paulo: Cortez, 1998.

PIRES, G. D. L. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

PIRES, G. D. L. et al. A pesquisa em Educação Física e Mídia: pioneirismo, contribuições e críticas ao “Grupo de Santa Maria”. **Revista Movimento**, n. 14, v. 3, 2008.

PORTO, T. E. Educação para a mídia/pedagogia da comunicação: caminhos e desafios. In: PENTEADO, H. D. (org.). **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas.** São Paulo: Cortez, 1998.

PRETTO, N. D. L. **Uma Escola sem/com futuro.** 3 ed. Campinas: Papyrus, 2001.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.